

INTERNACIONALIZAÇÃO DAS EMPRESAS BRASILEIRAS NO MERCADO ARGENTINO

Keiti da Rocha Gomes*

1 INTRODUÇÃO

O aumento do investimento estrangeiro direto (IED) oriundo das economias em desenvolvimento constitui um marco no processo de internacionalização do capital no período recente. Embora os países desenvolvidos ainda expliquem a maior parte do IED global, a participação daquelas economias vem ganhando espaços nos fluxos mundiais desses capitais.¹

De modo análogo, na América Latina, os fluxos financeiros enviados seguiram trajetória crescente, comandados, sobretudo, pelos dois maiores investidores, Brasil e México. Paralelamente, os países latino-americanos surgiram como os principais destinos dos próprios IEDs recentes, o que fez da região o grande destaque no curso intrarregional de investimentos estrangeiros no mundo. Nesse cenário, a Argentina despontou entre os maiores receptores desses fluxos, exibindo taxas crescentes de entrada de IED, particularmente entre 2003 e 2008, a despeito dos efeitos da crise financeira deflagrada no fim do último ano.

Orientado por esse cenário, o presente artigo tentará lançar algumas informações sobre a dinâmica recente de aumento dos investimentos do Brasil na economia Argentina, tradicionais parceiros comerciais na América do Sul. Tenta-se entender as motivações, os condicionantes e as estratégias, bem como os contrapontos históricos das duas economias que explicam o crescente interesse das empresas brasileiras nesse mercado.

2 DINÂMICA DO IED NA ARGENTINA

Para entender o aumento da presença brasileira no mercado argentino, torna-se importante compreender não somente os determinantes gerais do processo de internacionalização das empresas brasileiras, como também a forte tendência recente de atração de capitais internacionais pela economia argentina. Em linhas gerais, os fluxos de IED enviados para o país

* Mestre em Economia pelo Instituto de Pesquisa Econômica (IPE) da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da Universidade de São Paulo (USP) e assistente de pesquisa da Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Deint). *E-mail*: <keiti.gomes@ipea.gov.br>.

1. Se em 1970 o conjunto desses países concentrava apenas 0,4% dos fluxos de saída desses investimentos, em 2008 esse percentual atingiu aproximadamente 16% (GOMES, 2010).

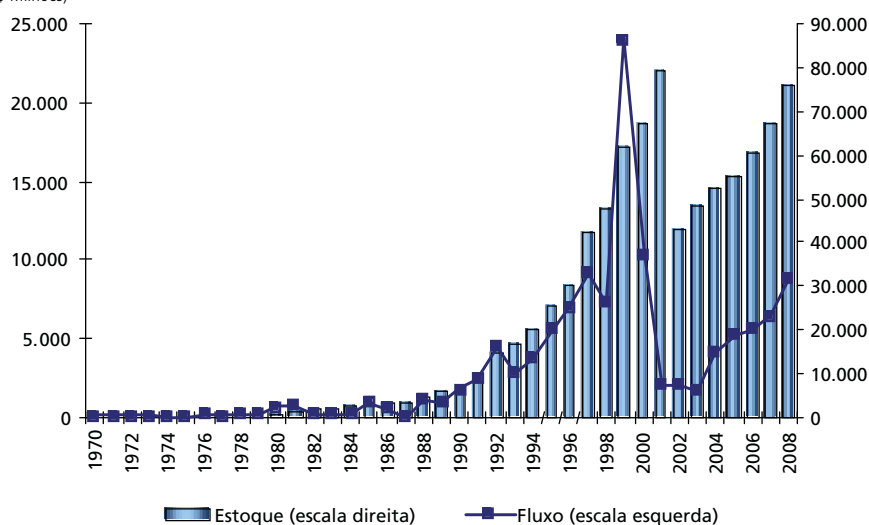
começaram a ganhar maior relevância nos anos finais da década de 1980, movimento semelhante ao registrado em outros países da América Latina. Entre 1990 e 1999, as entradas na economia argentina totalizaram aproximadamente US\$ 54,1 bilhões, valor sete vezes superior ao estoque de IED no início do período, US\$ 7,7 bilhões, conforme o gráfico 1.

O forte ingresso de capitais estrangeiros ocorreu em um contexto de enormes reformas na economia argentina que abarcou, entre outros aspectos, a instauração de um modelo particular de convertibilidade entre a moeda local e o dólar, a abertura comercial e financeira, a liberalização da conta capital do balanço de pagamentos e a reforma do Estado. Nesse contexto, os investimentos recebidos se concentraram preponderantemente na compra de empresas públicas prestadoras de serviços ou de atividades extrativistas, fundamentalmente de petróleo, em um movimento que concentrou, entre 1990 e 1993, 51% dos IEDs do período. Em uma segunda etapa, após 1994, as fusões e as aquisições de empresas privadas lideraram o destino dos fluxos de capitais recebidos pelo país, substituindo o processo anterior de privatizações. Do total de IED que ingressou na Argentina entre 1992 e 2000, cerca de 60% correspondeu à compra de empresas privadas ou públicas (BEZCHINSKY, *et al.*, 2007).

GRÁFICO 1

Fluxo e estoque de IDE na Argentina

(US\$ Milhões)



Fonte: FDI Statistics website/Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD).
Elaboração da autora.

Em relação aos países de origem, o fluxo de investimentos foi liderado pelas empresas espanholas que concentraram 37,7% do ingresso total. Em segundo lugar vieram os Estados Unidos seguidos por outros tradicionais investidores, como os franceses e os italianos, além dos recursos oriundos do Chile, que responderam, no auge, por 13,5% dos investimentos durante 1995 e 1996 (BOUZAS; CHUDNOVSKY, 2004). O Brasil, por sua vez, apresentou uma participação insignificante nos fluxos durante esse período.

O início da década de 2000 foi marcado pela inversão na tendência de crescimento do IED na Argentina, resultado, entre outros fatores, da deterioração dos fluxos globais, do parcial esgotamento do processo de fusões e aquisições e, principalmente, das mudanças no contexto internacional combinadas com o início de uma profunda recessão no país.²

Nos anos seguintes, a recuperação da atividade econômica, somada aos impactos favoráveis do câmbio sobre as exportações, trouxe estímulos para os investimentos no país e estabeleceu um novo “ciclo” de entrada de capitais internacionais, este marcado pelo surgimento de outros atores, como o Brasil.

2.1 O IED na Argentina entre 2003 e 2008³

Analisando em particular a evolução do IED na Argentina nos anos recentes, verifica-se, a partir de 2003, forte tendência de crescimento nos fluxos recebidos pelo país, movimento não interrompido em 2008, como mostra o gráfico 1, a despeito dos impactos da crise financeira internacional nos fluxos de investimento globais. Entre 2003 e 2008, as entradas deste instrumento no país aumentaram cinco vezes, passando de US\$ 1,65 bilhão em 2003 para cerca de US\$ 8,85 bilhões em 2008. Nesse último ano, a taxa de aumento registrada foi de 36,7% em relação a 2007, o maior crescimento na entrada de IED entre os países da América Latina.

Em relação ao tipo de investimento realizado, dados do Centro de Estudios para la Producción⁴ (CEP) (tabela 1) apontam que, entre 2003 e 2007, cerca de 70% dos fluxos externos foram destinados à formação de capital, ou seja, à criação de novas plantas produtivas e/ou ampliação das instalações existentes. O restante foi utilizado em operações de mudanças na estrutura de propriedade das empresas.⁵ Analisando a origem do capital estrangeiro, Espanha, Estados Unidos, Brasil, México, Canadá, França e Chile foram os países com maior participação nos investimentos realizados na Argentina, como mostra a tabela 2.

2. O gráfico 1 exibe uma notável redução das entradas de IED que atingiram o menor valor em 2003.

3. A análise desse artigo está restrita a 2008 porque, até sua data de elaboração (outubro de 2010), os dados sobre IED de 2009 não haviam sido disponibilizados por todas as fontes consultadas.

4. O CEP é um organismo da Secretaría de Industria, Comercio y de La Pequeña y Mediana Empresa, subordinada ao Ministério de Producción.

5. Cabe ressaltar que em 2008 o volume negociado em termos de fusões e de aquisições reduziu-se consideravelmente em relação aos anos anteriores. Nesse ano, apenas 12%, contra 30% em 2007, do total de anúncios de investimentos oriundos de capital estrangeiro foram destinados a essas operações, sendo que a maior parcela dos investimentos realizados, 88%, recaiu sobre a formação de capital, reflexo das incertezas geradas pela crise financeira internacional deflagrada em setembro de 2008, levando as empresas a não se arriscarem na aquisição de novos negócios, mas sim a ampliarem as unidades produtivas existentes.

TABELA 1

IED na Argentina por tipo de operação
(Em %)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Fusões e Aquisições	31%	27%	32%	40%	30%	12%
Formação de Capital	69%	73%	68%	60%	70%	88%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: CEP.
Elaboração da autora.

De acordo com o CEP, juntos, esses países concentraram cerca de 80% dos anúncios de investimentos no país entre 2003 e 2008, com destaque para Estados Unidos e Espanha, responsáveis por quase 50% do total. Uma pequena variação negativa ocorreu na participação do México e do Chile, que iniciaram o período com 7% e 6%, respectivamente, e terminaram 2008 com, respectivamente, 6% e 4%. O Brasil, que em 2003 concentrava apenas 4% do capital recebido pela Argentina, elevou sua participação e alcançou em 2007 o patamar de 15%, recuando para 11% em 2008.

TABELA 2

Fluxo de IED na Argentina por país de origem¹
(Em %)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Outros ²	26%	13%	13%	19%	20%	21%
Espanha	15%	33%	21%	20%	23%	31%
EUA	22%	22%	28%	28%	18%	13%
Brasil	4%	5%	17%	15%	15%	11%
México	7%	5%	3%	2%	5%	6%
Canadá	3%	3%	3%	2%	4%	5%
França	3%	6%	5%	2%	3%	4%
Chile	6%	6%	3%	2%	3%	4%
Reino Unido	13%	7%	7%	8%	9%	4%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: CEP.

Notas: ¹ Anúncios de investimento em formação de capital e fusões e aquisições.

² Incluem: Alemanha, Itália, China, África do Sul e outros países não informados.

Em relação à estratégia dos investidores estrangeiros, a participação dos países variou em função do tipo de investimento, formação de capital ou fusões e aquisições (tabelas 3 e 4). Segundo o CEP, quanto ao primeiro tipo, Espanha e Estados Unidos foram responsáveis por cerca de 50% dos recursos destinados à ampliação das estruturas instaladas ou à criação de novas unidades. Nesse contexto, diminuiu a representatividade do Reino Unido, que em 2003 detinha 16% desses investimentos, contra apenas 4% em 2008, e do Chile, cuja participação caiu de 8% em 2003 para 4% em 2008. Destaca-se o aumento relativo do Brasil, que em 2003 concentrava 6% das aplicações em formação de capital e em 2008 alcançou 11%.

Já em relação aos recursos direcionados para fusões e aquisições, os investimentos da Espanha concentraram-se em 2004, quando o país deteve 49% dos capitais estrangeiros aplicados nessa modalidade, percentual este reduzido para cerca de 6% em 2007. Da mesma forma, a Índia apresentou elevada participação nas aquisições e nas fusões realizadas em 2007, com 16% dos volumes financeiros, enquanto as aplicações mexicanas foram mais significativas em dois momentos: em 2003 e 2004, quando o país deteve 18% e 13% dos IEDs deste tipo, e em 2008, com participação de 19%. Verificou-se também um aumento nos fluxos relativos de capitais norte-americanos percebidos em 2005 e 2006, quando o país concentrou 48% dos investimentos.

O destaque, no entanto, é o expressivo aumento do IED das empresas brasileiras. Em 2003, o Brasil respondia por apenas 2% dos recursos externos destinados às fusões e às aquisições no país vizinho. Em 2005, esse percentual saltou para 35%, mantendo-se em níveis elevados nos anos posteriores: 25% em 2006, 28% em 2007 e 10% em 2008. Essa mudança de patamar é corroborada pelo acréscimo nos volumes financeiros aplicados nessa modalidade de investimento. Segundo o CEP, em 2004, o Brasil foi responsável por US\$ 265 milhões dos anúncios realizados, cifra que foi elevada para cerca de US\$ 1,07 bilhão em 2008, ou seja, um aumento de quase quatro vezes em quatro anos. Esses dados colocaram o Brasil como o segundo país que mais realizou investimentos em fusões e aquisições no mercado argentino nos anos recentes, abaixo apenas dos Estados Unidos.

TABELA 3

Participação dos países nos fluxos de IED em formação de capital¹
(Em %)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Espanha	16%	27%	32%	32%	31%	36%
Estados Unidos	21%	26%	17%	15%	15%	12%
Brasil	6%	5%	6%	9%	9%	11%
Canadá	4%	4%	5%	4%	6%	6%
França	5%	8%	7%	4%	4%	5%
Reino Unido	16%	9%	10%	11%	10%	4%
México	3%	2%	4%	4%	5%	4%
Chile	8%	3%	3%	3%	4%	4%
Alemanha	4%	4%	3%	3%	2%	3%
Itália	2%	4%	4%	7%	7%	2%
China	3%	1%	2%	2%	2%	2%
Outros ²	13%	7%	6%	7%	6%	10%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: CEP.

Elaboração da autora.

Notas: ¹ Anúncios de investimento em formação de capital.² Países não informados.

TABELA 4

Participação dos países nos fluxos de IED em fusões e aquisições¹
(Em %)

	2003	2004	2005	2006	2007	2008
México	18%	13%	-	-	4%	19%
Estados Unidos	25%	13%	48%	47%	26%	17%
Brasil	2%	4%	35%	25%	28%	10%
Chile	4%	16%	2%	1%	2%	6%
Reino Unido	3%	-	2%	3%	5%	1%
Alemanha	1%	-	1%	-	1%	1%
Espanha	14%	49%	3%	3%	6%	-
Índia	-	-	-	1%	16%	-
África do Sul	-	-	4%	1%	7%	-
Outros ²	34%	3%	5%	19%	5%	45%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: CEP.

Elaboração da autora.

Notas: ¹ Anúncios de investimento em fusões e aquisições.² Países não informados.

3 EMPRESAS BRASILEIRAS NA ARGENTINA

Os aumentos no investimento brasileiro na Argentina entre 2003 e 2008 acompanharam a tendência recente de maior atração de IED por parte dessa economia; não surpreendentemente, o país tem figurado entre os principais destinos dos capitais brasileiros no exterior (investimento direto brasileiro no exterior – IDBE). Segundo dados do Banco Central do Brasil (Bacen), Estados Unidos, Dinamarca,⁶ Espanha, Argentina e Uruguai concentraram quase a totalidade do IDBE não direcionado para paraísos fiscais (tabela 5).

TABELA 5

Estoque de IDBE por país de destino
(US\$ Milhões)¹

	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Paraísos Fiscais ¹	29.106	29.923	30.508	31.457	33.829	44.281	41.245	41.646
Outros ²	5.658	5.633	6.016	7.244	10.820	31.031	12.508	13.446
Estados Unidos	1.401	1.830	2.100	2.552	4.163	3.942	6.025	9.167
Dinamarca	16	8	10	6.460	9.466	10.361	7.276	5.093
Espanha	1.657	2.953	1.775	2.934	3.324	4.221	4.083	5.055
Argentina	1.625	1.503	1.549	1.722	2.068	2.136	2.360	3.376
Uruguai	3.121	1.547	2.810	1.657	1.748	1.743	1.878	2.443
Total	42.584	43.397	44.769	54.027	65.418	97.715	75.376	80.226
Total sem Paraíso Fiscal	13.478	13.474	14.260	22.570	31.588	53.434	34.131	38.581

Fonte: Bacen.

Elaboração da autora.

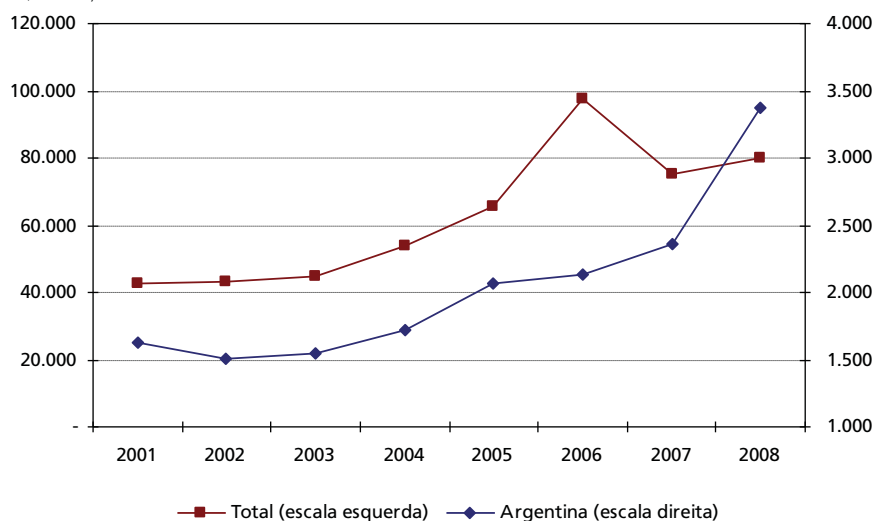
Notas: ¹ Capitais com participação maior ou igual a 10% na estrutura acionária das empresas de destino.² São considerados paraísos fiscais: Ilhas Cayman, Ilhas Virgens, Ilhas Bahamas, Luxemburgo, Panamá e Uruguai.³ Aproximadamente 71 países.

6. A presença do Dinamarca pode, em parte, ser explicada pela transação entre a empresa brasileira Ambev e a Labatt, do Canadá, cuja controladora tinha sede na Dinamarca e pertencia ao grupo belga Interbrew, fusionado com a própria AmBev em 2004, ver Tavares (2006).

Desconsiderando os fluxos para essas regiões, o IDBE na Argentina, que em 2001 representava 12% do estoque total do período, apresentou sucessivas quedas a partir de então, e em 2008 atingiu o patamar de 9%. O mesmo ocorreu com o Uruguai, que em 2001 respondia por cerca de 23% do estoque deste investimento e em 2008 teve sua participação reduzida para 6%.

Apesar de aparentemente a Argentina não ser o destino prioritário dos investimentos brasileiros, há, em termos financeiros, uma tendência crescente nos volumes enviados ao país vizinho. Segundo o gráfico 2, em 2001, o estoque de IDBE na Argentina girava em torno de US\$ 1,62 bilhão; já em 2008, esse volume duplicou atingindo US\$ 3,38 bilhões.⁷

GRÁFICO 2

Evolução do estoque de IDBE(Em US\$ Milhões)¹

Fonte: Bacen.

Elaboração da autora.

Nota: ¹ Capitais com participação maior ou igual a 10% na estrutura acionária das empresas de destino.

Em termos setoriais, a tabela 6 mostra que os capitais brasileiros participam de forma não desprezível em setores importantes da economia argentina. De acordo com os dados do Banco Central da Argentina, até 2008, o Brasil respondeu por quase 15% dos estoques totais de IED destinados às indústrias automotiva,⁸ têxtil, minerais e metalurgia e foi responsável por mais de 10% dos investimentos totais em máquinas, equipamentos, alimentos, bebidas e tabaco.

7. Cabe destacar que, em 2008, o crescimento do total de IDBE para a Argentina aumentou 43%, passando de US\$ 2,36 bilhões para US\$ 3,38 bilhões; neste período, o aumento do estoque total de investimentos realizados foi de apenas 6%; ou seja, o acréscimo nos investimentos direcionados especificamente para a Argentina superou, e muito, o registrado para o estoque total de IDBE nesse ano.

8. "En el caso del sector automotriz y de autopartes la existencia de un régimen de comercio compensado en el seno del Mercosur suena como uno de los principales motivos que ha dado lugar a la llegada de las empresas brasileñas a la Argentina." (Tradução: No caso do setor de automóveis e autopeças, a existência de um regime de comércio compensatório no âmbito do Mercosul parece ser uma das principais razões que deram lugar a chegada das empresas brasileiras na Argentina.) (BIANCO; MOLDOVAN; PORTA, 2008).

TABELA 6

Participação do Brasil no estoque total de IED na Argentina por setor de atividade – 2001-2008

(Em US\$ Milhões e %)

Setores	Brasil	Total	%
Indústria Automotiva	1.947	6.227	31,3%
Indústria Têxtil e Couros	146	773	18,9%
Minerais não Metálicos	139	873	15,9%
Metais comuns e metalurgia	629	4.655	13,5%
Máquinas e Equipamentos	254	1.986	12,8%
Alimentos, Bebidas e Tabaco	458	4.243	10,8%
Outras Indústrias Manufatureiras	96	929	10,3%
Setor Privado Financeiro	277	4.867	5,7%
Indústria de Papel, Edição e Impressão	49	1.086	4,5%
Comércio	139	3.423	4,0%
Transporte	68	1.702	4,0%
Outros	586	49.139	1,2%
Total	4.786	79.902	6,0%

Fonte: Banco Central de La República Argentina (BCRA).
Elaboração da autora.

O cenário traçado expõe uma dinâmica na qual as duas economias são conduzidas a posições diametralmente opostas no cenário dos fluxos regionais de investimento: o Brasil surgiu como um dos maiores investidores na América Latina,⁹ enquanto a Argentina emergiu como um dos principais receptores de investimento na região. Essa evidente assimetria reflete, em parte, as diferentes estratégias adotadas ao longo dos anos 1990 em resposta ao processo de abertura e desregulação dos mercados vivenciado por ambas as economias.

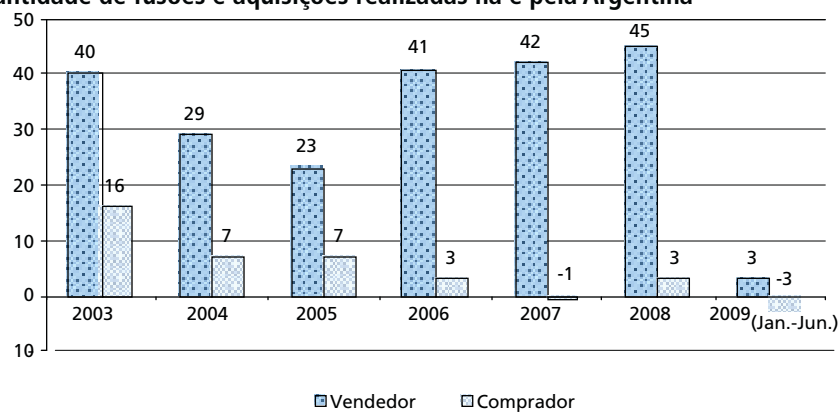
Na Argentina, a política de privatização e de abertura aos capitais estrangeiros resultou não somente em um movimento de desnacionalização das empresas locais, como também em uma violenta desindustrialização do parque produtivo do país. Nesse processo, a Argentina perdeu capacidade de investimento e desapareceu enquanto investidora no exterior. Ao contrário, no Brasil, a abertura da economia levou as principais firmas a adotarem uma estratégia defensiva e de sobrevivência no mercado interno, por meio de investimentos na estrutura produtiva. Nesse período, os passos iniciais da internacionalização da produção tiveram como objetivo contornar os riscos advindos da maior concorrência no mercado doméstico e dos ajustes macroeconômicos realizados no país. Por conta disso, ao longo dos anos 1990 e 2000, ao contrário da Argentina, o Brasil conseguiu manter e até aprofundar o padrão de internacionalização iniciado nos anos anteriores (BIANCO; MOLDOVAN; PORTA, 2008).

9. Estudo da Fundação Dom Cabral (2008).

De fato, observando os gráficos 3¹⁰ e 4, é possível notar uma diferença na estratégia das empresas localizadas nos dois países. Por um lado, o forte direcionamento da economia argentina para a recepção de investimentos externos foi acompanhado pela nulidade nas aquisições no mercado estrangeiro. Por outro, no Brasil, as operações de compras de empresas no exterior não sofreram grandes reduções e seguiram ampliadas nos anos recentes.

Além desse fator, as tentativas de explicar o crescente interesse das empresas brasileiras no mercado argentino recaem sobre três principais motivos: os chamados “fatores de projeção” alcançados pelas empresas brasileiras, as políticas de apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) à estratégia de internacionalização e a conjuntura econômica da Argentina nos anos 2000.

GRÁFICO 3

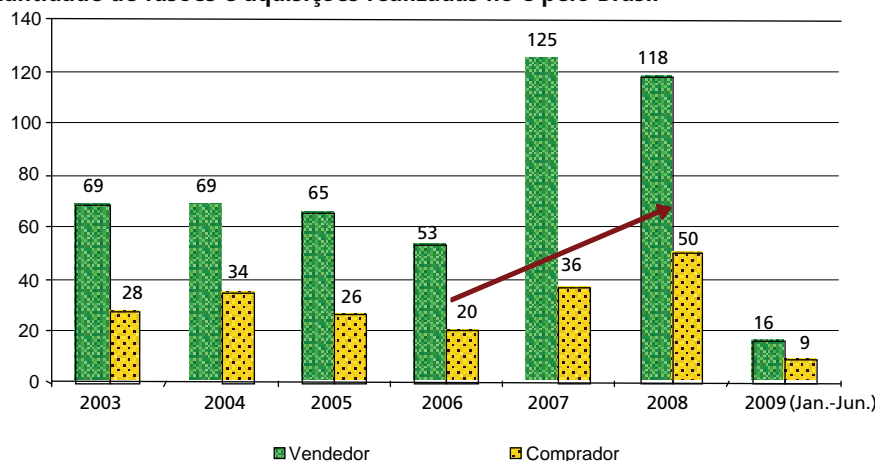
Quantidade de fusões e aquisições realizadas na e pela Argentina

Fonte: FDI Statistics Website/UNCTAD.
Elaboração da autora.

10. Os números negativos no gráfico 3 são explicados por operações de venda de subsidiárias de empresas argentinas localizadas no exterior.

GRÁFICO 4

Quantidade de fusões e aquisições realizadas no e pelo Brasil



Fonte: FDI Statistics Website/UNCTAD.
Elaboração da autora.

Quanto ao primeiro motivo, a Argentina surge apenas como mais um destino em uma lógica mais ampla de expansão mundial das empresas, sendo a internacionalização uma resposta à própria dinâmica de crescimento das firmas. Nesse contexto, a preferência pelo mercado argentino teria lugar nas etapas iniciais do processo de inserção produtiva global, favorecido pela proximidade geográfica, pela atuação no Mercado Comum do Sul (Mercosul) e pela tradição comercial entre os dois países. Pelo segundo motivo, o apoio do banco de fomento está inserido em um contexto mais amplo de políticas de incentivo à internacionalização produtiva promovida pelo governo brasileiro e aparece como um dos principais incentivos para o ingresso das empresas brasileiras na Argentina.¹¹ Sobre o terceiro motivo, o aumento do fluxo de IDBE na Argentina após 2003 coincidiu com o momento de mais grave crise econômica nesse país, quando os valores das empresas em dólar se reduziram significativamente, abrindo um leque de oportunidades para os empresários brasileiros na região. Esse movimento não se deu de forma isolada, mas sim acompanhado por investidores de diferentes lugares do mundo interessados no promissor mercado estrategicamente localizado na América do Sul.

11. Cabe ressaltar que a primeira operação de financiamento do banco no âmbito dessa linha de apoio ocorreu em 2005, com um empréstimo da ordem de US\$ 80 milhões para Friboi, um dos maiores frigoríficos brasileiros, com o objetivo de efetivar a compra de 85,3% da empresa argentina Swift Armour, em uma operação cujo valor total estimado foi da ordem de US\$ 200 milhões (ALEM; CAVALCANTI, 2005).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir o aumento da presença das empresas brasileiras no mercado argentino passa por entender o papel dos dois países na dinâmica dos fluxos intrarregionais de IED na América Latina. Em linhas gerais, Brasil e México concentram a maioria das empresas multinacionais da região e assumem a liderança na inserção produtiva no exterior. Por outro lado, a Argentina surge como um dos principais receptores dos investimentos externos no mercado latino-americano, exibindo entradas crescentes, a despeito dos impactos da crise financeira internacional de 2008. Essa assimetria tem levado as economias do Brasil e da Argentina a assumirem posições diametralmente opostas no contexto dos fluxos desses investimentos.

Particularmente na Argentina, dois momentos são cruciais para entender a posição em relação ao Brasil: primeiro, a magnitude do processo de abertura da economia aos capitais estrangeiros nos anos 1990, que resulta não somente na desnacionalização das empresas estatais como na desindustrialização do parque produtivo nacional; segundo, os impactos negativos da recessão da econômica potencializada pela desvalorização da moeda local em 2001, que desencadeia uma onda de falências e de barateamento das empresas privadas nacionais e um novo ciclo de ingresso de capitais estrangeiros. Esse último ciclo segue caracterizado pela incapacidade de realização de investimentos por parte das indústrias no exterior, acompanhado pela entrada de empresas oriundas de diversos países, entre eles, o Brasil, nos variados setores da estrutura produtiva do país vizinho.

Além desses elementos conjunturais, dois outros fatores são frequentemente citados para explicar o ingresso das empresas brasileiras no mercado argentino. Primeiro o papel do BNDES como executor das políticas governamentais de apoio à estratégia de internacionalização das empresas. Segundo, os chamados “fatores de projeção” defendidos por alguns autores e supostamente alcançados no atual estágio de maturidade das empresas no Brasil.

Finalmente, a julgar pela tendência de elevação dos investimentos brasileiros na Argentina, o movimento estratégico das empresas nacionais de inserção nesse último mercado está longe de ser reduzido. O fenômeno, que possui conotações estruturais históricas, requer uma atenção continuada de modo a permitir o monitoramento das suas implicações sobre a estrutura industrial dos dois países e a eventual necessidade de tratamento, por meio de políticas públicas, da assimetria que caracteriza esse processo.

REFERÊNCIAS

ALEM, A. C.; CAVALCANTI, C. E. O BNDES e o apoio à internacionalização das empresas brasileiras: algumas reflexões. **Revista do BNDES**. Rio de Janeiro, dez. 2005.

BEZCHINSKY, G. *et al.* **Inversión extranjera directa en la Argentina: crisis, reestructuración y nuevas tendencias después de la convertibilidad**. Santiago do Chile: Cepal, jun. 2007.

BIANCO, C.; MOLDOVAN, P.; PORTA, F. **La Internacionalización de las Empresas Brasileñas en Argentina**. Santiago do Chile: Cepal, jan. 2008.

BOUZAS, R.; CHUDNOVSKY, D. **Foreign Direct Investment and Sustainable Development**. The Recent Argentine Experience. Argentina: Universidad de San Andrés. May 2004. Versão preliminar.

FUNDAÇÃO DOM CABRAL (FDC). **Ranking FDC das transnacionais brasileiras**: edição 2008. São Paulo, dez. 2008.

GOMES, K. **Internacionalização de empresas brasileiras no mercado argentino**. Ipea, 2010 (Texto para Discussão). No prelo.

TAVARES, M. **Investimento brasileiro no exterior: panorama e considerações sobre políticas públicas**. Santiago do Chile: Cepal, nov. 2006.